

Curso Mulheres em Ação: **FLOR-E-SER**



AGRICULTORAS



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO





Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

**Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca
e do Desenvolvimento Rural**
Valdir Colatto

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Fabírcia Hoffmann Maria
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino
Extensão Rural e Pesqueira

Reney Dorow
Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN Nº 1414-5219 (impresso)

ISSN Nº 2674-9505 (on-line)

Maio/2023

Boletim Didático 167

**CURSO MULHERES EM
AÇÃO FLOR-E-SER
AGRICULTORAS**

APOSTILA ORIENTADORA DE CONTEÚDO

Márcia da Rosa Gomes e Naiara Sampaio Silva



Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

Florianópolis

2023

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000, fax: (48) 3665-5010

Site: www.epagri.sc.gov.br

Editado pelo Departamento Estadual de Marketing e Comunicação (DEMC).

Revisores *ad hoc*: Paulo Francisco da Silva e Sonia Maria Abatti

Editoração técnica: Márcia Cunha Varaschin

Revisão textual: Tikinet

Diagramação:

Capa: Flávia Maria de Oliveira

Primeira edição: maio de 2023

Impressão: Gráfica CS

Tiragem: 700 exemplares

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica

GOMES, M.R; SILVA, N.S. (Orgs.). **Curso Mulheres em Ação Flor-e-ser Agricultoras**: apostila orientadora de conteúdo. Florianópolis: Epagri, 2023. 60p. (Epagri, Boletim Didático, 167)

Gênero; mulheres; agricultoras; empoderamento; protagonismo.

ISSN 1414-5219 (impresso)

ISSN 2674-9505 (*on-line*)

ORGANIZADORES/AUTORES

Ana Lúcia Ribeiro

Gastrônoma, Centro de Treinamento de Joinville

Rodovia SC 418, km 0,3 – 89239-400, Pirabeiraba – Joinville, SC. Fone (47) 34611528,
ana@epagri.sc.gov.br

Cianarita Caron Figueiró

Pedagoga, Gerência Regional de Chapecó

Servidão Ferdinando Ricieri, s/n, Bairro São Cristóvão, 89.803-904 – Chapecó, SC, Fone:
(49) 20497510, cianaritafigueiro@epagri.c.gov.br

Daniela Martins Guimarães Nunes

Assistente Social, Escritório Municipal de Araquari

Rua Padre Horácio Rebelo, 62, Bairro Centro, 89.208-725 – Araquari, SC, Fone: (47) 3451-
1535, dani@epagri.c.gov.br

Naiara Sampaio Silva

Engenheira Agrônoma, Escritório Municipal de Penha

Avenida São João, 140, Armação – Penha, SC, Fone: (47) 3398 6418, naiarasilva@epagri.
sc.gov.br

Edir José Tedesco

Oceanógrafo, Escritório Municipal de São Francisco do Sul

Rafael Pardinho, 264, Centro – São Francisco do Sul, SC, Fone (47) 3481 2112, edir@epa-
gri.sc.gov.br

Geisebel Cristine Patrício

Assistente Social. Escritório Municipal de Itajaí

Rua Mansueto Felizardo Vieira, 557 – Baía, Itajaí, SC, 88318-076- Fone: (47) 3398.6417,
geisebelp@epagri.c.gov.br

Hugo Mazon

Engenheiro Agrônomo. Gerência Regional de Itajaí

Rodovia Antônio Heil, 6800, Itaipava, 88034-901 – Itajaí, SC, fone: (47) 3398-6300, hugo-mazon@epagri.sc.gov.br

Márcia da Rosa Gomes

Pedagoga. Gerência Regional da Epagri de Itajaí

Rodovia Antônio Heil, 6800, Itaipava, 88034-901 – Itajaí, SC, fone: (47) 3398-6307, marciagomes@epagri.sc.gov.br

Natália Lúcia Knakiewicz Kominkiewicz

Psicóloga. Centro de Treinamento de Itajaí

Rodovia Antônio Heil, 6800, Itaipava, 88034-901 – Itajaí, SC, fone: (47) 3398-6333, nataliak@epagri.sc.gov.br

Oderlei Marcio Anschau

Técnico em Agropecuária. Escritório Municipal de Camboriú

Rua José Francisco Bernardes, 258, 88340-233 – Camboriú, SC, fone: (47) 3398-6231, anschau@epagri.sc.gov.br

Rose Mary Gerber

Antropóloga, Dra. Derp (Departamento de Extensão Rural e Pesqueira)

Avenida Admar Gonzaga, 1347, 88034-901 – Florianópolis, SC, fone: (48) 3665-5303, gerber@epagri.sc.gov.br

APRESENTAÇÃO

O espaço rural está passando por transformações significativas em termos socio-cultural, ambiental, político e econômico acompanhando o processo que ocorre em diferentes contextos em que o ser humano se insere, o que exige investir em formas alternativas e inovadoras de produção e tomar consciência do cuidado ambiental em um cenário altamente competitivo.

Em termos de organização familiar e comunitária, as mulheres, cada vez mais, vêm buscando formas de exercitar seu empoderamento ocupando espaços de participação e protagonismo em suas famílias e comunidades ao mesmo tempo em que desejam melhores condições de vida, reconhecimento e respeito como cidadãs.

É inegável que as mulheres agricultoras são receptoras e parte ativa de um rápido e irrevogável processo de mudança que, cada vez mais, ganha velocidade; elas estão inseridas e atuam no centro das transformações implantando estratégias de gênero cujo propósito é ampliar o reconhecimento cidadão, a participação social e o fortalecimento do poder econômico e político.

O espaço de aprendizagem proposto neste espaço de formação visa promover o desenvolvimento de competências que preparem agricultoras com diferentes elementos que venham a contribuir com o desafio de constante atualização, valorização pessoal e competitividade profissional. O resultado desejado é que possam continuar participando, de forma efetiva e ativa, na vida familiar e comunitária imbuídas de seu valor social e sentimento de cidadania.

Seja bem-vinda ao curso Mulheres em Ação Flor-e-Ser Agricultora!

A Diretoria Executiva

SUMÁRIO

MÓDULO 1. ORGANIZAR É PRECISO: ASSOCIATIVISMO E COOPERATIVISMO	11
MÓDULO 2. EMPREENDER É NECESSÁRIO	23
MÓDULO 3. DECIDIR É ESTRATÉGICO	31
MÓDULO 4. TRADIÇÃO E INOVAÇÃO ANDAM JUNTAS	41
MÓDULO 5. SONHOS EM PRÁTICA	53
Referências	59

INTRODUÇÃO

Pensando em oferecer um espaço exclusivo para que mulheres se sintam à vontade, possam se encontrar, dialogar sobre seus desafios e suas potencialidades, trocar experiências e se qualificar para melhor se inserir no mercado atual este curso foi elaborado.

A dinâmica do curso foi construída e dividida em módulos a partir de temáticas centrais, por exemplo, autoestima, empoderamento, organização, associativismo, cooperativismo, gestão, protagonismo, empreendedorismo, processo decisório, tradição e inovação, liderança, sonhos em prática, plano de negócios, entre outros.

Na proposta metodológica do curso as participantes são consideradas protagonistas nos processos de ensino-aprendizagem vivenciados coletivamente, em que teoria e prática caminham juntas em um exercício contínuo de ação-reflexão-ação voltado ao crescimento pessoal e do grupo.

MÓDULO 1.

ORGANIZAR É PRECISO: ASSOCIATIVISMO E COOPERATIVISMO

No âmbito da Epagri, historicamente, a Extensão Rural com mulheres em Santa Catarina focou seu trabalho por meio de ações com movimentos coletivos e organização de grupos contribuindo com o processo de fortalecimento e visibilidade da mulher no mundo da agricultura e suas muitas possibilidades a serem exercidas.

Essa atuação específica com mulheres tem o intuito de:

- Despertá-las para a valorização de sua autoestima, autonomia e consciência da importância de seu papel na família e na sociedade;
- Qualificá-las para melhor produzir, inserir-se no mercado e se empoderar economicamente;
- Contribuir para assumirem-se como protagonistas no âmbito familiar e em espaços representativos de organizações de suas atividades, como grupos, associações e cooperativas.

Neste módulo, veremos um pouco sobre a história da organização feminina e sua importância, como também vamos conhecer algumas diferentes formas de organização no espaço rural catarinense.

Organização: Movimento feminino de luta pelos seus direitos e para sair da invisibilidade

A mulher, historicamente, vem desempenhando diferentes papéis, lutando pelo seu reconhecimento e pela superação das desigualdades em uma busca constante por equidade de gênero e direitos, especialmente quando se trata do espaço rural onde se realizam atividades diferenciadas do espaço urbano, seja pela extensa carga de trabalho, seja pela dificuldade deste.

Inserida em uma realidade tradicionalmente dominada pelo masculino, a mulher, geralmente, é reconhecida pelo seu valor reprodutor e de dona de casa, como se esses fossem os únicos papéis que pode desempenhar. Entretanto, em espaços distintos, as mulheres buscam ser reconhecidas como pessoas e como profissionais em diferentes contextos socioculturais no decorrer da história humana.

A mulher que atua na agricultura não fica fora dessa busca de reconhecimento por seus direitos como cidadã e por uma sociedade mais igualitária que considere seu potencial criativo, empreendedor, de força e superação de dificuldades. Uma profissional que trabalha lado a lado com os demais membros de sua família e comunidade e que, muitas vezes, assume atividades e responsabilidades extenuantes sobrecarregando-se no decorrer dos anos.

O processo de organização de mulheres se tornou mais evidente na década de 1970 com o surgimento dos clubes de mães em São Paulo, mobilizados pela Igreja Católica. O objetivo era lutar por direitos sociais e contra o regime militar. Naquele contexto tenso, as mulheres começaram a ganhar voz. No espaço rural foi com a abertura mais democrática dos anos 1980 que o movimento de mulheres ganhou força. Nesse processo de organização, destacam-se as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e pastorais que também impulsionaram e incentivaram a participação de mulheres nos clubes de mães.

De forma ampla, avanços foram conquistados através do movimento de mulheres nas últimas décadas mostrando que estar organizadas é um processo de fortalecimento como cidadãs e profissionais da agricultura, seja em organizações formais ou informais, seja em exemplos de organização de associativismo ou cooperativismo, os resultados ligados à valorização pessoal e profissional vêm da força que o grupo no qual se está inserida dá.

Nesse aspecto, segundo a Organização de Cooperativas Brasileiras (OCB, 2008), cooperar consiste na união de pessoas para enfrentar, conjuntamente, situações difíceis e transformá-las em oportunidades.

Em relação à Epagri, especialmente na ação da Extensão Social, as mulheres são consideradas sujeito de interlocução em ações grupais desde a década de 1960, época em que os temas mais abordados eram saúde familiar e organização do espaço da casa e dos arredores. Com o passar do tempo e a ampliação de atividades no contexto familiar, constatou-se que as mulheres precisavam ser envolvidas não só nesses temas, mas também, e com ênfase, quando se trabalha questões produtivas, socioambientais, organização em grupos, protagonismo, empoderamento, autoestima e autonomia financeira.

A ampliação do olhar sobre o papel e o trabalho da mulher agricultora/pescadora se deu porque as equipes de extensionistas perceberam e admitiram que, quando se inclui as mulheres nas conversas sobre possibilidades de inovação ou mudanças na atividade ou processos produtivos, elas aceitam com mais rapidez, com menos resistência o que está sendo proposto e são mais abertas a testar alguma novidade.

Nos anos de 1970 e 1980 se ampliou o trabalho com grupos de mulheres, sempre seguindo a diretriz extensionista do “aprender a fazer, fazendo e aprendendo”, de acordo

com as temáticas de interesse nas diferentes regiões de Santa Catarina. Assim, criaram-se grupos voltados à produção de artesanato, manualidades e ao reaproveitamento, à produção, ao beneficiamento e à transformação de alimentos, à confecção de produtos de limpeza e higiene, a questões ligadas a saneamento ambiental, ao diálogo sobre temas das relações interpessoais e intrapessoais, entre tantas possibilidades identificadas.

Este trabalho continua sendo muito forte e mobiliza grande número de mulheres no Estado, as quais participam em diferentes momentos previstos na estratégia de Extensão Rural e Pesqueira, por exemplo, cursos, oficinas, encontros e grupos temáticos de trabalho.

Vamos ver um pouco sobre possibilidades de organização grupal?

Associativismo

O associativismo (SEBRAE, 2021; LOURENÇO et al., 2022; FERREIRA; ZALUSKI, 2022; INSTITUTO ECOLÓGICA, 2007) é uma forma de organização que tem como finalidade conseguir benefícios comuns para os associados por meio de ações coletivas. Um exemplo é a associação. A associação tem identidade jurídica e é formada sem fins lucrativos por pessoas que se organizam para defender interesses comuns.

Associativismo no espaço rural e pesqueiro (Agricultura Familiar)

O associativismo se constitui em identificar alternativas que viabilizem atividades econômicas, sociais e culturais possibilitando a trabalhadores, pequenos proprietários, agricultores e pescadores uma forma de participar do mercado em melhores condições de competitividade. Como os pequenos produtores, geralmente, apresentam dificuldades semelhantes para obter um bom desempenho econômico, principalmente devido à pequena escala de produção, a formação de associações pode viabilizar um desempenho mais adequado para se inserir e diferenciar no mercado.

A união de pequenos produtores em associações facilita a organização da produção, a logística e aquisição de insumos e equipamentos com menores preços e melhores prazos de pagamento como também o uso coletivo de estruturas físicas, equipamentos e maquinários. Quando os recursos são divididos entre os associados tornam-se acessíveis e todos saem ganhando, pois se reúne esforços em benefício comum, divide-se o custo de assistência e/ou responsabilidade técnica de profissionais, de tecnologias e de capacitação profissional.

Princípios do Associativismo

O associativismo tem alguns princípios que direcionam seu exercício, bem como características e objetivos a serem considerados (SEBRAE, 2021; LOURENÇO et al., 2022). São eles:

1. Princípio da Adesão Voluntária e Livre: as associações são organizações voluntárias, abertas a pessoas dispostas a aceitar as responsabilidades de associado, sem discriminação social, racial, política, religiosa e de gênero.

2. Princípio da Gestão Democrática pelos Sócios: as associações são organizações democráticas, controladas pelos associados, que participam no estabelecimento de suas políticas e tomada de decisões, sendo os gestores eleitos pela maioria para atender a necessidade de todos.

3. Princípio da Participação Econômica dos associados: os associados contribuem de forma justa e controlam democraticamente as suas associações por meio da deliberação em assembleia geral.

4. Princípio da Autonomia e Independência: as associações podem entrar em acordo operacional com outras entidades, inclusive governamentais, ou receber capital de origem externa. Devem fazê-lo de forma a preservar o controle democrático pelos sócios e manter sua autonomia.

5. Princípio da Educação, Formação e Informação: as associações devem proporcionar educação e formação. Os dirigentes eleitos devem contribuir efetivamente para o desenvolvimento da comunidade. Eles deverão informar o público em geral, particularmente jovens e líderes formadores de opinião, sobre a natureza e os benefícios da cooperação.

6. Princípio da Interação: as associações atendem a seus sócios mais efetivamente e fortalecem o movimento associativista trabalhando juntas em estruturas locais, nacionais, regionais e internacionais.

7. Interesse pela Comunidade: as associações trabalham pelo desenvolvimento sustentável dos âmbitos de seu interesse, como comunidades, municípios, regiões, estados e país por meio de políticas aprovadas por seus membros.

Características do Associativismo

- União de pessoas físicas ou jurídicas com objetivos comuns;
- O patrimônio é constituído pela contribuição dos associados por meio de doações, fundos e reservas. Não possui capital social;
- Seus fins podem ser alterados pelos associados em assembleia tendo cada um direito ao voto;
- São entidades de direito privado e não público podendo realizar operações financeiras e bancárias, porém as sobras de operações financeiras devem ser aplicadas na associação;
- Os dirigentes não recebem remuneração;
- Os dirigentes podem representar a Associação em ações coletivas de seu interesse;
- Possui um sistema de escrituração contábil simplificada.

Objetivos de uma Associação

- Fortalecer os laços de amizade e solidariedade;
- Reunir esforços para reivindicar melhorias em sua comunidade;
- Defender os interesses dos associados;
- Desenvolver interesses coletivos de trabalho;
- Produzir e comercializar de forma cooperada;
- Melhorar a qualidade de vida;
- Participar do desenvolvimento da região na qual a associação está inserida.

Cooperativismo

O cooperativismo (OCB, 2008) nasceu com a Revolução Industrial no século XVIII como uma proposta de solução aos problemas decorrentes da industrialização, da exclusão e da exploração trabalhista. A revolução industrial ocorreu na Europa, na segunda metade do século XVIII. Houve o desenvolvimento da indústria a partir da invenção de diversas máquinas com produção em larga escala, o que impactou na diminuição de produtos artesanais.

Com o desenvolvimento das indústrias, muitas pessoas migraram para as cidades em busca de emprego ocorrendo, assim, um grande êxodo no espaço rural. Por inexistência de legislação trabalhista se constatou exploração da mão de obra, com baixos salários e muitas horas de trabalho por dia.

A primeira cooperativa surgiu no ano de 1844, em Rochdale, região de Manchester, na Inglaterra, momento em que 28 tecelões se uniram e fundaram a Sociedade dos Probos¹ Pioneiros de Rochdale com o propósito de buscar formas de fortalecer seus objetivos em comum.

Outro fato ligado ao cooperativismo foi a fundação da Escola de Nimes, na França, por Charles Gide. O objetivo era sistematizar o pensamento cooperativista. Para alcançar esse propósito, Gide baseou seus estudos nos valores e princípios da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale para desenvolver o que denominou de “doutrina cooperativista”. Esse processo resultou na definição de virtudes enumeradas por Gide e disseminadas pelo mundo. São elas:

Número	Virtude
1	Viver melhor
2	Pagar a dinheiro
3	Poupar sem sofrimento
4	Suprimir os parasitas
5	Combater o alcoolismo
6	Interessar às mulheres nas questões sociais
7	Educar economicamente o povo
8	Facilitar a todos o acesso à propriedade
9	Reconstituir uma propriedade coletiva
10	Estabelecer o ‘justo preço’
11	Eliminar o lucro capitalista
12	Abolir os conflitos

Fonte: SESCOOP (2017)

Valores e princípios do Cooperativismo

Segundo o disposto em documento da OCB (2008), valores e princípios são diferentes, mas devem caminhar juntos. Os valores do cooperativismo são imutáveis e configuram ética à cooperativa. São eles: responsabilidade, democracia, igualdade, honestidade e solidariedade. A partir dos valores, vêm os princípios do cooperativismo, que são sete, conforme podemos ver a seguir:

¹ Probos, significa honrado, íntegro, de conduta irrepreensível, que não se corrompe, conforme <https://www.dicio.com.br/probo/>.

1º Princípio. Adesão voluntária e livre: as cooperativas aceitam adesão de qualquer pessoa que esteja habilitada e tenha condições de assumir os direitos e deveres de um membro;

2º Princípio. Gestão democrática: cada associado tem direito a um voto, independente de investimentos ou movimentações financeiras na cooperativa, cuja gestão se dá por membros eleitos por assembleia;

3º Princípio. Participação econômica dos membros: cada associado contribui com a cota parte de maneira equitativa. A cota capital é a mesma para todos. O Associado deve comprometer-se com a cooperativa e efetivar o pagamento da cota-parte;

4º Princípio. Autonomia e Independência: as cooperativas possuem liberdade de negociar com outras cooperativas ou empresas. Podem também recorrer a capital externo cuidando para não perder o princípio da gestão democrática, da autonomia e da independência;

5º Princípio. Educação, formação e informação: a cooperativa deve promover a educação, a formação e a informação dos envolvidos, associados, gestores ou colaboradores. Deve também divulgar, com transparência, as práticas econômicas e sociais do cooperativismo;

6º Princípio. Intercooperação: as cooperativas devem fortalecer-se mutuamente por meio da intercooperação em nível local, regional, nacional ou internacional. Exemplos de intercooperação são as cooperativas centrais, federações e confederações;

7º Princípio. Interesse pela comunidade: o desenvolvimento sustentável local nas comunidades deve ser promovido com ações e políticas aprovadas pelos membros.

Conceitos importantes para entender o cooperativismo

Cooperativa: é uma sociedade de pessoas que se unem voluntariamente para suprir seus interesses satisfazendo necessidades econômicas, sociais e culturais por meio de uma empresa de propriedade comum com gestão democrática. As cooperativas “são organizações de pessoas e não de capitais”, pois, embora realizem negociações no mercado financeiro, não visam o lucro, em si, mas o crescimento e desenvolvimento de seus cooperados (SESCOOP, 2017).

Cooperar: é atuar com outros para um mesmo fim, é contribuir com o trabalho.

Cooperado: é o membro de uma cooperativa.

Cooperativismo: é uma doutrina cultural, social e econômica, fundamentada na liberdade humana e nos princípios cooperativos por meio da criação de comunidades de cooperação.

Você sabe a diferença entre cooperativa, associação e empresa mercantil?

É importante conhecer os detalhes que as diferenciam para saber as implicações quando participar de uma ou de outra (Tabela 1).

Tabela 1. Principais diferenças entre Cooperativa, Associação e Empresa Mercantil

Item	Cooperativa	Associação	Empresa mercantil
Finalidade	Fim econômico, mas sem objetivo principal de lucro	Sem fins lucrativos; impossibilitada de comercializar	Lucro
Número mínimo de membros	Mínimo de 20 pessoas	Mínimo de 10 pessoas	Quadro societário
Objetivo	Prestar serviço e proporcionar o desenvolvimento do associado	Representar o associado	Obter lucro
Decisões por voto	Um associado, um voto	Um associado, um voto	Maior capital, maior poder de voto/ decisão
Capital social	Formado por cota-capital/cota parte	Não possui	Formado por ações
Transferência de Cotas parte	Intransferível	Não possui	Podem ser transferidas/vendidas

Fonte: Tabela adaptada (SESCOOP, 2017)

MÓDULO 2.

EMPREENDER É NECESSÁRIO

A decisão empreendedora nos impulsiona a melhorar a cada dia. O empreendedorismo é um importante fator de desenvolvimento social e econômico e podemos desenvolver habilidades para nos tornar excelentes empreendedoras.

Neste módulo, o objetivo é despertar em você a ideia, a vontade e o seu potencial de empreender, independentemente de que atividade você mais exerça, ou de empreendimentos que venha a desenvolver.

No decorrer do conteúdo se buscará mostrar o importante papel da mulher empreendedora e alguns desafios enfrentados, atualmente, com o propósito de ampliar sua visão sobre oportunidades de negócio que estão ou poderão surgir e fatores que podem contribuir com seu sucesso.

Oportunidades existem

Atualmente podemos identificar muitas oportunidades de negócios. Um dos motivos é a facilidade de conexão que aproxima pessoas, mesmo que vivam em lugares distantes. Tal fato mudou muito as relações. Com isso, oportunidades de geração de renda e melhoria de qualidade de vida avançaram se compararmos com os nossos antepassados.

Ser uma empreendedora implica estar atenta para identificar demandas que possam ser transformadas em negócio e inovar para atendê-las diretamente, de forma rápida, satisfazendo os consumidores com um produto de qualidade e atendimento diferenciado.

Empreendedorismo

Segundo o SEBRAE (2021) (Serviço Brasileiro de Empreendedorismo), empreendedorismo é a capacidade que uma pessoa tem de identificar problemas e oportunidades, desenvolver soluções e investir recursos na criação de algo positivo para a sociedade.

O conceito de empreendedorismo foi utilizado, inicialmente, pelo economista Joseph Schumpeter, em 1950, o qual se dedicou ao estudo deste tema. O autor preconiza que o empreendedor é responsável pela realização de novas combinações, como a introdução de um novo bem, método de produção ou comercialização e até a abertura de novos mercados (SCHUMPETER, 1985).

Empreender é agregar valor, identificar oportunidades e transformá-las em um negócio lucrativo. O empreendedorismo é, portanto, um conjunto de comportamentos e hábitos.

Ser empreendedora é algo que pode ser desenvolvido com a capacitação adequada.

Características de um empreendedor, de uma empreendedora

Segundo estudiosos da área (SCHUMPETER, 1985; SEBRAE, 2021), as principais características para empreender são:

Iniciativa: estar atento ao que acontece no mercado para identificar demandas de negócio;

Perseverança: dificuldades acontecem e exigem o exercício de continuar apesar delas para se chegar onde se definiu como meta;

Coragem: para correr riscos com cautela. Arriscar-se faz parte de empreender com clareza de informações e de até onde pode avançar;

Capacidade de planejamento: é central definir um plano de ação com metas e formas de monitoramento para corrigir o caminho e escolher as alternativas ao seu negócio;

Eficiência: você precisa definir como pode atender seu cliente da melhor forma possível;

Qualidade: o que diferencia seu produto tem como foco a qualidade com que você o apresenta ao mercado;

Rede de contatos: as relações sociais são centrais para você estar inserido em redes que contribuam com a divulgação do que oferece. Sempre que puder, participe de eventos, feiras, cursos, festas comunitárias etc.;

Liderança: quem empreende deve ser o líder na sua empresa. Deve ser um bom ouvinte e estimular, permanentemente, a equipe, motivá-la e deixá-la comprometida.

A importância do planejamento no dia a dia

A partir do momento em que definimos que precisamos ou queremos conquistar alguma coisa, é essencial fazer um planejamento pessoal ou profissional que nos permita alcançar efetivamente esse objetivo. Se, por exemplo, uma pessoa deseja fazer uma viagem, um curso, comprar um carro ou a casa própria, ela precisa planejar os seguintes tópicos: onde, quando, em quanto tempo e como realizará essa meta. Não basta querer e esperar. É preciso planejar e isso inclui obter informações, conhecer e pensar como vai executar, quanto vai custar, quais as possibilidades de acesso ao recurso, qual o prazo e quando deseja que seu projeto e negócio sejam colocados em prática.

Essa análise é necessária para ter decisões mais acertadas e êxito no que se quer. Organizar, planejar e fazer um cronograma das atividades que serão realizadas em curto, médio e longo prazo dá tranquilidade e possibilita fazer uma boa gestão financeira, impactando na melhoria em qualidade de produtos e serviços.

Você conhece a ferramenta 5W2H²?

Uma ferramenta amplamente difundida no trabalho da Epagri que facilita a elaboração de um planejamento é a 5W2H. Trata-se de um plano de ação que contém as seguintes informações:

O que: aqui estarão ações que serão realizadas para alcance do objetivo definido.

Por que: aqui vão os motivos, o porquê você quer realizar algo.

Onde: que locais serão envolvidos nas ações.

Quem: quem será responsável pela execução de cada ação prevista.

Quando: data, prazos, cronograma para cada ação.

Como: que método ou métodos serão utilizados; como você vai fazer.

Quanto: custos, gastos e despesas para analisar a viabilidade de cada ação.

2 É uma sigla em inglês que tem os seguintes significados: What (O que), Why (Por que), Where (Onde), Who (Quem), When (Quando), How (Como) e How much (Quanto).

Para facilitar a visualização, você pode criar uma tabela. Veja um exemplo:

O que	Por que	Onde	Quem	Quando	Como	Quanto
Criar embalagem para geleia	Para melhorar as vendas	Minha agroindústria	Maria e João	Daqui a 3 meses	Consultoria	1.000,00
Comprar 100 vidros de 50 ml com tampa	Para envasar a geleia	Empresa de embalagens de vidro	Maria	Imediata	Internet	345,00
Entrega de geleia em três clientes	Para atender a demanda	Mercados locais com pradores	João	1 vez ao mês	Transporte próprio	Valor do combustível

Veja que se trata de uma ferramenta que contribui para ter mais clareza sobre cada etapa do seu planejamento facilitando a execução, do começo ao fim. Quando se define com clareza o que se quer, por que se deve fazer tal ação, onde e como será realizada, quem será responsável, qual o custo e o prazo em que se deseja realizar, o planejamento fica facilitado e o alcance do que foi definido também, além da tranquilidade de saber quem fará o que sem sobrecarregar uma só pessoa, ou ainda sofrendo de ansiedade por não ter clareza do que fará em curto, médio e longo prazo.

Agora é com você: exercite um olhar empreendedor sobre sua atividade. Pense em uma ideia de inovação, melhoria no negócio ou um novo negócio.

A partir da ideia escolhida, você pode colocar no quadro abaixo ou escrever nas linhas que vêm na sequência:

O que	Por que	Onde	Quem	Quando	Como	Quanto

MÓDULO 3.

DECIDIR É ESTRATÉGICO

Atualmente, muitas são as possibilidades de começar um negócio no espaço rural em Santa Catarina. Por um lado, isso é extremamente positivo pela diversidade de produtos e serviços que podem ser oferecidos, pelo rico paisagismo e pela atratividade que esses espaços despertam junto ao público urbano.

Por outro lado, quando não se tem certeza do foco e de onde se quer chegar, pode se perder muito tempo arriscando-se em áreas que não se tem vocação ou preparo, ou em alguma área que, aparentemente, parece ser uma boa opção por muitas pessoas já atuarem, mas que, por isso mesmo, pode levar ao insucesso, se não estivermos bem preparados e nos propusermos a atuar com um diferencial. Portanto, é preciso definir o que se quer (qual meu foco?), pesquisar (que formas posso encontrar para melhor atender a clientela), estudar (como posso me tornar uma referência) e exercitar o que se denomina de Educação Financeira.

Vamos ver alguns tópicos que podem contribuir com um processo de decisão estratégico e assertivo.

Pluriatividade: limites e possibilidades

A pluriatividade é quando famílias de agricultores tradicionalmente ocupadas com atividades estritamente agrícolas passam a desenvolver outras atividades como estratégia de complementação de renda (ANJOS, 2003 apud MARAFON, 2006). Essa complementação pode ser obtida de diversas maneiras, como venda da força de trabalho familiar, prestação de serviços e iniciativas que podem ser implantadas como o turismo rural, a pesca esportiva, o artesanato e a diversificação na produção ou no beneficiamento de produtos.

A pluriatividade pode ser temporária ou esporádica visando contrabalançar momentos de crise, ou pode ser uma oportunidade para algumas famílias devido ao contexto em que elas estão inseridas. Entre algumas alternativas ligadas à pluriatividade, destacamos dois exemplos, o artesanato e o turismo:

Artesanato: pode ser caracterizado a partir de sua finalidade, incluindo as matérias-primas utilizadas para confecção das peças. O artesanato de grande escala tem menos valor do que o tradicional que traz identidade cultural. Desenvolver produtos artesanais de referência cultural significa valer-se de elementos que reportem o produto ao seu lugar de origem, seja por meio do uso de certos materiais e insumos ou de técnicas de produção típicas da região, seja pelo uso de elementos simbólicos que façam menção às origens de seus produtores ou de seus antepassados.

É preciso diferenciar artesanato de trabalho manual, já que ambos são resultado de atividade exclusivamente feita à mão ou com uso de máquinas simples. A grande diferença entre o artesanato e o trabalho manual se encontra no tipo de material, pois para o trabalho manual não precisa ter características culturais específicas e não exige exclusividade, não necessitando, portanto, que seja peça única.

Turismo: uma ótima oportunidade de renda complementar na agricultura familiar e à pesca artesanal, o turismo é um fenômeno em que pessoas viajam para lugares diferentes de seu ambiente usual levando em conta atrativos turísticos naturais ou culturais da região escolhida. A prestação de serviços turísticos de qualidade é essencial para assegurar a satisfação do turista e envolvem vários ramos do setor como hospedagem, alimentação, transporte, agenciamento turístico, informações turísticas, passeios, atividades de lazer e entretenimento, atividades de vivências e experiências etc. Muitas são as possibilidades nos espaços agrícolas e pesqueiros de Santa Catarina, por exemplo, turismo para observação de pássaros, passeios recreativos, atendimento em bares e restaurantes especializados em comidas com apelo cultural, aluguel de casas, ou acolhimento em pousadas, colhe e pague, pontos de venda de produtos artesanais.

Educação Financeira

Segundo Domingos (2016), “o aprendizado e a aplicação de conhecimentos práticos de educação financeira contribuirão para melhorar a administração das suas finanças tornando a vida mais tranquila e equilibrada sob o ponto de vista financeiro”.

Educação financeira implica um exercício contínuo e atento em relação ao dinheiro com foco em um sonho, um resultado, que desejamos.

Gestão

Gestão é o ato ou efeito de gerir, administrar, gerenciar. Gestão financeira é o ato de buscar melhores resultados com o dinheiro que se ganha, tendo clara a situação atual e o que se deseja no futuro, em curto, médio e longo prazo. Ser uma gestora é ter consciência de que planejamento, definição de objetivos, metas e estratégia andam juntos.

Educação financeira

É central fazer conta e ter controle do dinheiro que entra e que sai (isso inclui despesas e receitas). Algumas pessoas consideram que basta ter os números na cabeça.

Entretanto, com o passar dos dias, fica muito fácil perder o controle e chegar ao final do mês sem ter noção de onde se gastou. Assim, pode-se dizer que estamos diante de alguém que “faz de conta”. Ou seja, alguém que considera que sabe os cálculos “de cor e salteado”, mas não faz um controle efetivo de receitas e despesas. É preciso exercitar o controle diário, “fazer conta” efetivamente. Isso se relaciona com educação financeira e diz respeito ao cuidado, uso e à administração das finanças pessoais e do próprio negócio.

Para ilustrar o processo de educação financeira, vamos utilizar como exemplo o método DSOP (Diagnosticar, Sonhar, Orçar, Poupar), criado por Domingos (2016), que preconiza esses quatro pilares como caminho para se ter clareza que o componente comportamental, os hábitos e costumes são centrais e que o orçamento envolve etapas, recursos e estratégias para alcançar os sonhos desejados. Segundo o autor, nós, adultos, temos muita dificuldade em mudar os hábitos e costumes que aprendemos na infância. Nesse sentido, o maior desafio é começar. Reforça o autor: “Lembre-se que uma escada se sobe degrau a degrau, é preciso acreditar e perseverar”.

Vamos entender, na sequência, cada um dos pilares do método DSOP.

1º pilar: Diagnosticar

Para exercitar os preceitos da educação financeira preconizada por Domingos (2016) é preciso ter um diagnóstico claro da situação: “o diagnóstico é importante justamente pelo fato de revelar o que ficava escondido, deixando à mostra as vias pelas quais seu dinheiro hoje transita [...]. Anote diariamente seus gastos: os pequenos e os grandes”.

O autor defende o controle efetivo de tudo o que se gasta, diariamente. Dessa forma, o diagnóstico é o primeiro passo para ter clareza sobre a situação atual, o que inclui considerar as despesas e as receitas. Ou seja, o que entra e o que sai. Para simplificar o exercício e irmos nos familiarizando com o controle desejado, um exemplo pode ser visualizado a seguir.

Tabela 2. Exemplo de controle simplificado de receitas e despesas

Mês	O que entra	O que sai

Veja se você lembrou-se de incluir na conta:

- A mão de obra familiar;
- O que se produz na propriedade;
- O tempo que se investe em cada atividade.

Analise e reflita se a conta fecha e o que pode melhorar.

2º pilar: Sonhar

Sonhar é próprio do ser humano. Existem muitas formas de alcançar um resultado. Uma delas é transformar sonhos em metas “afinal o ser humano é movido pelos sonhos. São eles que trazem esperança e motivação para todos. São os sonhos que norteiam os desejos e anseios pelo futuro” (DOMINGOS, 2016).

Ter a capacidade de sonhar é conviver com objetivos, propósitos e definição de metas. Sonhos sem meta resultam em frustração. Sonhos em prática significa autoestima elevada e reconhecimento da própria capacidade de ir em busca do que se quer.

Refleta um pouco:

- Qual o último sonho que você realizou?
- Como você se sentiu?
- Qual ou quais os seus sonhos para o próximo ano, daqui a cinco anos, vinte anos?
- Qual o custo de seus/s sonho/s?

Tabela de sonhos

Ano:

Sonho	Quanto custa	Quanto preciso guardar por mês	Qual mês vou realizar

Daqui a cinco anos

Sonho	Quanto custa	Quanto preciso guardar por mês	Qual mês vou realizar

Daqui a 20 anos

Sonho	Quanto custa	Quanto preciso guardar por mês	Qual mês vou realizar

3º pilar: Orçar

Para alcançar a sua meta, você precisa saber quanto vai precisar investir e prever em seu orçamento. Você vai conseguir o que quer como está atualmente? Como você vem fazendo seu orçamento até agora? Você precisa incluir seu sonho em suas contas: quanto entra e quanto vai para realizar o seu sonho? Quanto vai para as despesas?

Segundo o método preconizado por Domingos, primeiro você guarda o que vai investir em seu sonho, depois você vê o que é necessário para cobrir as contas. A seguir, você ajusta as contas para alcançar o sonho. “Se você quer fazer boas escolhas financeiras, precisa aprender a priorizar os sonhos. Ou seja, direcionar o seu dinheiro para a sua realização pessoal, acima de tudo” (DOMINGOS, 2016).

4º pilar: Poupar

Poupar significa guardar dinheiro para alcançar a meta que se definiu a partir de um objetivo claro. É central ter claro que “só o dinheiro guardado, poupado, pode, de fato, ser considerado um investimento de liquidez capaz de conduzi-lo à independência financeira” (DOMINGOS, 2016).

É preciso estar atenta a qualquer oportunidade que surgir para realizar o que foi definido como sonho e exercitar a flexibilidade quando a situação se mostrar favorável. Por exemplo, coloquei como um dos sonhos para o próximo ano fazer uma viagem para Fortaleza em setembro, mas surge uma promoção muito boa para o mês de outubro. Vale a pena ser flexível e mudar um mês que me fará realizar o sonho com mais economia e ainda poupar uma parte para realizar outro sonho.

MÓDULO 4.

TRADIÇÃO E INOVAÇÃO ANDAM JUNTAS

Antes de falarmos em cultura, tradição, invenção e inovação, é preciso ter claro que Santa Catarina é um estado com formação pluriétnica. Ou seja, além dos seus povos indígenas originários, apresenta descendentes de africanos, europeus, asiáticos, entre outros. É um estado rico em diversidade sociocultural, política, ambiental e econômica, com grande riqueza em diferentes formas de cultivar a terra, produzir e consumir alimentos, festejar e viver. Cada um de nós nasceu em uma família e tem, em seus antepassados, uma referência cultural, o que implica valores, hábitos e costumes que são repassados de geração em geração na convivência diária.

Cultura (DAMATTA, 1997): diz respeito ao nosso modo de viver e ser. É dinâmica e muda com as transformações da sociedade. Em termos culturais, o que é certo para mim, pode não ser para o outro; o que é proibido onde vivo, é valorizado em diferentes locais. A cultura implica valores, regras, proibições, permissões e se revela pelos estilos de vida, hábitos, costumes, comportamentos, modo de vestir; pela linguagem, alimentação, música, arte, religiosidade; organização social, econômica e política.

Tradição, invenção e inovação (HOBSBAWN; RANGER, 2008): quando falamos em cultura, dois conceitos centrais vêm à tona: tradição e invenção. Ligado à invenção, temos ainda a inovação.

Vamos ver cada um:

Tradição	Transmissão, através das gerações, de práticas, valores, bens culturais, costumes, comportamentos, memórias, crenças.
Invenção	Ato de criar tecnologia, objeto, processo, comida.
Inovação	Uma maneira de fazer diferente, de aperfeiçoar algo que já se sabe ou se tem certo conhecimento.

Alimentação e cultura

A alimentação é uma das principais manifestações culturais (DAMATTA, 1997; MACIEL, 2004) e envolve emoção, memória e sentimento. A cozinha é um espaço de encontros e trocas, principalmente entre mulheres, pois ali se aprende a preparar o alimento com a união de presente e passado, tradição e invenção, necessidade, gostos, cheiros,

cores, sabores, formas, consistências, especiarias e condimentos. Podemos afirmar que a cultura alimentar se reproduz na cozinha por meio dos saberes-fazer, principalmente de mulheres a partir de suas relações.

Alimentos tradicionais e cultura em Santa Catarina: na diversidade catarinense se incluem produtos alimentares que são riquezas em cultura e tradição. Alguns exemplos são pães (de milho, aipim, cará, batata), bolos, cucas, biscoitos, geleias, queijos, cachaça, mousse, mel, melado, vinho e embutidos. Esses produtos apresentam uma forte ligação com aspectos socioculturais sendo, inclusive, comum falar sua origem para atestar a qualidade, como o “a cuca de Blumenau; o melado de São Miguel do Oeste; a farinha de Nova Trento”, entre muitos exemplos possíveis.

No espaço rural, muitas são as possibilidades de identificar diferentes saber-fazer que dizem respeito às muitas formas de preparar comida que, na verdade, são potenciais a serem identificados no processo de trabalhar a valorização de produtos locais como ícones de identidade cultural.

Auxiliar uma comunidade no reconhecimento de sua identidade cultural e, a partir daí, do seu potencial econômico, é uma importante estratégia para o processo de desenvolvimento sustentável. A maior riqueza de um alimento com referência cultural é o modo de fazer tradicional e é por meio dele que se poderá contribuir com o empoderamento econômico e a valorização de serviços vinculados a um território. É, portanto, fundamental valorizar o modo de fazer tradicional considerando aspectos socioculturais oportunizando espaços de voz e autonomia aos próprios produtores.

Além do anteriormente dito a respeito de aspectos culturais, quem trabalha com alimentação precisa ter claro alguns conceitos centrais (BRASIL, 2014; MENASCHE, et. al., 2008; OLIVEIRA & JAIME, 2017), conforme segue:

Segurança alimentar: o direito humano à alimentação adequada foi incluído no Artigo 6º da Constituição Federal em 2010 através da emenda constitucional 64. É, portanto, um direito fundamental do ser humano devendo o poder público adotar políticas e ações necessárias para promover e garantir a segurança alimentar e nutricional da população. Segurança alimentar consiste no direito ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer outras necessidades essenciais. Tem como base práticas alimentares promotoras da saúde que respeitem a diversidade cultural e seja ambiental, econômica e socialmente sustentáveis.

Soberania alimentar: cada país tem a prerrogativa de definir suas políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação para sua população (soberania alimentar) respeitando as múltiplas características culturais dos povos.

Alimentação adequada e saudável: é a prática alimentar apropriada aos aspectos biológicos e socioculturais dos indivíduos, bem como ao uso sustentável do meio ambiente.

Deve estar em acordo com as necessidades de cada fase da vida e com as necessidades alimentares especiais.

Referenciada pela cultura alimentar e pelas dimensões de gênero, raça e etnia.

Acessível do ponto de vista físico e financeiro.

Harmônica em quantidade e qualidade.

Baseada em práticas produtivas adequadas e sustentáveis.

Quantidades mínimas de contaminantes físicos, químicos e biológicos.

Classificação dos alimentos e processamento (BRASIL, 2014)

In Natura: são obtidos diretamente de plantas ou animais e não sofrem qualquer alteração após deixar a natureza.

Minimamente processados: corresponde a alimentos *in natura* que foram submetidos a processos de limpeza, remoção de partes não comestíveis ou indesejáveis, fracionamento, moagem, secagem, fermentação, pasteurização, refrigeração, congelamento e processos similares que não envolvam agregação de sal, açúcar, óleos, gorduras ou outras substâncias ao original.

Alimentos processados: fabricados pela indústria com adição de sal, açúcar ou outra substância de uso culinário a alimentos *in natura* para torná-los duráveis e mais agradáveis ao paladar. São reconhecidos como versões dos alimentos originais. Usualmente são consumidos como parte ou acompanhamento de preparações culinárias feitas com base em alimentos minimamente processados.

Alimentos ultraprocessados: são formulações industriais feitas inteiramente ou majoritariamente de substâncias extraídas de alimentos (óleos, gorduras, açúcar, amido, proteínas), derivadas de constituintes de alimentos (gorduras hidrogenadas, amido modificado) ou sintetizadas em laboratório com base em matérias orgânicas, como petróleo e carvão (corantes, aromatizantes, realçadores de sabor e vários tipos de aditivos usados para dar aos produtos sabor atraente). Técnicas de manufatura incluem extrusão, moldagem e pré-processamento por fritura ou cozimento.

Classificação – propriedades (BRASIL, 2014)

Diet: tem como objetivo atender pessoas que, por alguma razão, precisam restringir certas substâncias de sua alimentação. É o caso de diabéticos, hipertensos, celíacos (intolerantes ao glúten), entre outros. Ele recebe essa classificação quando um nutriente é retirado totalmente da composição podendo ser, por exemplo, o açúcar, a gordura ou o sódio.

Light: alimento que tem uma redução significativa na quantidade de um nutriente, que pode ser o açúcar, a gordura, entre outros. Essa diminuição deve ser, de pelo menos, 25%.

Orgânico: produzido em condições naturais sendo totalmente livre de agrotóxicos e aditivos químicos e, por esse motivo, conserva as propriedades naturais, mantendo o mesmo nível de vitaminas, sais minerais, carboidratos e proteínas. Na comercialização do produto com o termo orgânico, há necessidade de certificação da propriedade como tal.

Integral: alimento que não teve sua estrutura alterada mantendo a integridade dos nutrientes, sem perda de valores qualitativos e quantitativos.

Alimento refinado: passa por um processo mecânico (refinamento) que retira partes comestíveis com o intuito de torná-lo mais durável e de fácil preparo, bem como de retardar a ação de microrganismos. Esse processo é utilizado principalmente em cereais, como trigo e arroz, além de açúcar e sal. Como consequência, grande parte dos minerais, das vitaminas, proteínas e fibras são perdidas.

Segurança alimentar x Segurança de alimentos (BRASIL, 2014)

A expressão “Segurança de Alimentos” significa a prática de medidas que permitem o controle de qualquer agente que, em contato com o alimento, promove risco à saúde do consumidor ou à sua integridade física, ou seja, é a garantia de qualidade do produto desde o campo até a mesa do consumidor.

Esses agentes, popularmente conhecidos como contaminantes, podem ser do tipo físico (insetos ou fragmentos de insetos, pedras, madeira, plásticos flexíveis ou rígidos, vidros, metais), químico (resíduos de limpeza, sanitização, metais pesados, agrotóxicos) ou biológico (microrganismos patógenos).

As agroindústrias devem estar comprometidas com a implantação de um sistema higiênico-sanitário adequado, tendo como base o Manual de Boas Práticas, conforme disposto pela RDC nº 275 de 21 de outubro de 2002 e a MS 326 de 1997. Os funcionários devem estar treinados nos procedimentos operacionais de boas práticas de fabricação para a segurança do produto e do consumidor.

A cultura de Segurança de Alimentos deve ser disseminada claramente entre os produtores e os manipuladores de alimentos.

Já a Segurança Alimentar refere-se à implantação de projetos em níveis nacional e internacional que assegurem aos cidadãos acesso a alimentos com qualidade nutricional e quantidade apropriadas a uma vida saudável e ativa. Esse conceito nasceu após as devastações causadas pela Segunda Guerra Mundial, que deixaram vários países destruídos e sem condições de cultivo dos próprios alimentos.

Passos para uma Alimentação Saudável (BRASIL, 2014)

- Utilizar, preferencialmente, como base de sua alimentação, produtos *in natura* e minimamente processados.
- Utilizar gordura, sal e açúcar em pequenas quantidades.
- Limitar o consumo de alimentos processados.
- Comer com regularidade e atenção em ambientes apropriados e, sempre que possível, com companhia.
- Evitar consumo de alimentos ultraprocessados.
- Fazer compra em locais que ofereçam produtos *in natura* e minimamente processados.
- Desenvolver, exercitar e partilhar habilidades e práticas culinárias.
- Planejar o uso do tempo para as refeições.
- Dar preferência, quando for consumir alimentos fora de casa, por estabelecimentos que ofereçam comida feita na hora.
- Ser crítico e atento às mídias sobre produtos alimentares.
- Seguir o preceito de descascar mais, desembalar menos.

Educação Socioambiental: as marcas que deixo no mundo...

De acordo com o último relatório global de desenvolvimento humano de 2018, do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), dentre 143 países avaliados, o Brasil ocupa a 10ª posição no ranking da desigualdade.

Em relação às diferenças entre a população rural e a urbana, a renda domiciliar per capita média e a escolaridade são 64,3% e 55,8% maiores na urbana, que também apresenta expectativa de vida de três anos a mais (PNUD, 2018). Combater essa desigualdade e promover o desenvolvimento de forma a suprir as necessidades da geração atual, sem

comprometer a capacidade de atender às necessidades das gerações futuras é um desafio complexo e permanente.

Em setembro de 2000, os líderes mundiais se reuniram na sede das Nações Unidas, em Nova York, para adotar a Declaração do Milênio da ONU. Com a Declaração, as nações se comprometeram com uma nova parceria global para reduzir as desigualdades em uma série de oito objetivos – com prazo de alcance em 2015. Ficaram conhecidos como Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM).



Fonte: ODM (Objetivos de desenvolvimento do Milênio)

Nesse mesmo período, o tema do desenvolvimento sustentável passou a ser constantemente discutido a partir da percepção da insustentabilidade do modo de produção e do consumo que ocasiona desequilíbrio ecológico e aumento das desigualdades sociais. Uma série de eventos para a discussão desse tema foi promovida pela ONU (2000).

Outra questão é que após a Rio+20, um amplo e inclusivo sistema de consulta foi empreendido sobre questões de interesse global que poderiam compor a nova agenda de desenvolvimento pós-2015. Diferentemente do processo dos ODM (Objetivos de Desenvolvimento do Milênio), os novos objetivos de desenvolvimento sustentável foram construídos a muitas mãos com um grupo composto por 70 países.

Em agosto de 2014, o GTA (Grupo de Trabalho Agenda 2030) compilou, finalizou e submeteu a proposta dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e das 169 metas associadas à apreciação da Assembleia Geral da ONU que ocorreu em 2015. Foi então criada a Agenda pós-2015, ou agenda 2030, composta com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável acordados pelos países-membros, descritos abaixo.

Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (Agenda 2030. ONU)

Objetivo 1. Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares.

Objetivo 2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável.

Objetivo 3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.

Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

Objetivo 5. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

Objetivo 6. Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e o saneamento para todos.

Objetivo 7. Assegurar a todos o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia.

Objetivo 8. Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos.

Objetivo 9. Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.

Objetivo 10. Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles.

Objetivo 11. Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

Objetivo 12. Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis.

Objetivo 13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e os seus impactos.

Objetivo 14. Conservar e usar sustentavelmente os oceanos, os mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.

Objetivo 15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade.

Objetivo 16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

Objetivo 17. Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

O documento formado pelos ODS é um plano de ação para colocar o mundo em um caminho mais sustentável e resiliente até 2030. Os 17 Objetivos são integrados e mesclam as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental. São tarefas a serem cumpridas por governos, sociedade civil, setor privado e cidadãos, visando chegar a um ano de 2030 mais sustentável.



Fonte: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

No Estado de Santa Catarina, a atividade rural é realizada em pequenos grupos familiares. O processo de valorização de produtos advindos da agroindústria familiar catarinense, do artesanato, do turismo rural e a emergência do associativismo e do movimento cooperativista mostra o aparecimento de um novo padrão de desenvolvimento.

Esse é um movimento importante, pois contribui com o alcance de alguns objetivos do desenvolvimento sustentável a partir do estímulo à comercialização de produtos da agroindústria familiar. Promover uma agricultura mais sustentável é uma forma direta de assegurar uma vida saudável e o bem-estar para todos, pois as atividades agrícolas contribuem diretamente com a soberania alimentar, o estímulo ao consumo de alimentos minimamente processados e a integração social das comunidades rurais.

HORA DA ATIVIDADE:

Vamos trocar experiências no grande grupo

Que práticas alimentares são comuns na sua comunidade?

Que alimentos são considerados típicos? Como são preparados?

Que potencial esses alimentos têm para o turismo?

MÓDULO 5.

SONHOS EM PRÁTICA

O ser humano, por sua própria natureza, é dinâmico. Planeja suas ações a curto, médio e longo prazo, de modo que o mundo atual tem, cada vez mais, exigido muito planejamento para que se possa dar conta de tudo que sonha e idealiza.

Ao planejarmos algo que queremos muito que aconteça, falamos que é um sonho realizar esse plano. Para que o sonho se concretize é necessário ter em mente o que queremos, ter um propósito, traçar objetivos, metas, delimitar prazos para a execução.

À medida que formos colocando em prática o que queremos, faz-se necessário avaliar continuamente para, assim, corrigir falhas no processo para poder alcançar o sucesso almejado. É imprescindível dedicar tempo para elaborar o melhor plano possível, seja para ações simples, seja para projetos mais complexos.

Quando trabalhamos em grupo também é importante definir com clareza os sonhos que se quer colocar em prática para que se avance nos objetivos definidos em conjunto. Nesse sentido, a pessoa ou a equipe que lidera o grupo tem papel central no estímulo e na motivação conjunta. A liderança, quando bem exercida, torna-se inspiração.

Liderança

Liderança (ANJOS, 2009) é a capacidade de mobilizar pessoas, porém, não basta reunir algumas pessoas para que elas formem um grupo. É preciso que compartilhem visão de futuro e objetivos, que tenham projetos semelhantes, sejam corresponsáveis pelas metas idealizadas e se empenhem na execução do plano de ação coletiva a que se propuseram.

Há muitas formas de liderança, consideramos que a mais adequada é a participativa, pois é a que possui um caminho mais consolidado para o sucesso dos objetivos de um grupo ou de uma organização. A liderança participativa leva em conta a capacidade de desenvolver habilidades, inclusive a da liderança, desde que se tenha oportunidade e incentivo, respeitando a opinião de cada um. Oportuniza a criação de espaços em que o grupo pode opinar, debater, decidir, planejar, executar e avaliar ações buscando a resolução de problemas. Ao perceberem que sua opinião está sendo valorizada, as pessoas ficam mais motivadas a participar, comprometerem-se bem como se responsabilizar pelas ações.

O exercício da liderança não é algo simples. Exige muita observação, capacidade de ouvir, ter habilidade para acolher as diversas opiniões e saber conduzir discussões e promover a troca de opiniões para que o grupo chegue a definições em conjunto. É impor-

tante conciliar os interesses de organizações e grupos que levem ao alcance de objetivos em comum criando, assim, um ambiente favorável.

Quando se pergunta o que é ser líder, a resposta, quase sempre, é a mesma: o líder é o chefe, o que comanda, ordena, o primeiro da fila. Ainda persiste a ideia de que líder é a pessoa que concentra o poder sobre o outro. Na relação de liderança existe a figura de alguém que lidera e alguém que é liderado. Ser líder, no entanto, é sobretudo aprender a se conhecer e a liderar a si mesmo, seus sentimentos, suas atitudes de confiança e investir em seu próprio potencial. O líder deve contar com forte inteligência emocional.

O talento humano é o elemento essencial para a preservação, a consolidação e o sucesso da pessoa. Exige dedicação, envolvimento consigo e com aqueles com quem se convive. Ser líder não é apenas deixar sua luz própria brilhar. Exige dedicação, empenho, responsabilidade e informação.

Quando tratamos do tema liderança é comum vir à lembrança imagens de grandes líderes. Se observarmos, na maioria das vezes, eles são homens. No universo rural ou pesqueiro essa realidade não é diferente; porém, ao longo dos anos, muitas mulheres construíram e vêm construindo a história. Podemos citar diversas mulheres que mobilizaram pessoas para suas causas e se destacaram como líderes no mundo. Destacamos aqui Cleópatra, Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce e Indira Gandhi, entre muitas outras que poderiam ser citadas.

No Brasil, mulheres com trajetórias muito diferentes, assim como distintas áreas de atuação, defendendo seus povos ou as condições de gênero marcaram a música, a política, as artes plásticas e a dedicação religiosa. Podemos citar, dentre muitas: Cora Coralina, Irmã Dulce, Dandara, Nísia Floresta, Berta Lutz, Carlota Pereira de Queiróz, Carmen Miranda, Enedina Marques Alves, Raimunda Putani, Ana Néri, Rachel de Queiróz, Maria da Penha, Maria Quitéria, Clementina de Jesus, Zilda Arns, Tarsila do Amaral e Chiquinha Gonzaga.

Além das diferentes causas defendidas por essas mulheres estava implícita a luta por reconhecimento e pelos direitos da mulher. Não podemos negar que precisamos avançar muito, mas atualmente a presença feminina só tem aumentado em diferentes formas de atuação no meio social. As dificuldades existem, mas a persistência faz com que a vontade de avançar seja maior.

Persistência

Procurando no dicionário o significado do termo persistência, você vai encontrar esta definição: ato daquele que é persistente. Aquele que não desiste de seus objetivos.

“Qualidade ou ato de persistente. Perseverança, constância” (FERREIRA, 1999) Persistência é um substantivo feminino que vem do latim *persistere*, que significa continuar com firmeza. Podem ser sinônimos de persistência “empenho”, “constância”, “tenacidade” e “perseverança”.

O vocábulo “insistência”, por vezes, é utilizado como sinônimo de “persistência”, mas há uma diferença na origem das palavras que lhes dá significados diferentes. “Insistência” vem do latim *insistere*, que é manter a atitude. Ou seja, a insistência é a repetição de uma ação, relacionada também à teimosia, enquanto a persistência é o ato de manter ou até mesmo resistir, mas com uma conotação mais positiva. Em sua aplicação prática, as duas palavras falam em foco nos objetivos, mas, enquanto com o uso de insistência, a pessoa remete a mesma estratégia, a persistência pode incluir rever as ações e se adequar a fim de alcançar o seu objetivo final.

A persistência é uma qualidade valorizada pelos recrutadores, junto com a **determinação**, o persistente é aquele que não vai desistir diante da primeira negativa do chefe e nem ficar desestimulado/a. A pessoa persistente está determinada a fazer sua ideia dar certo e vai trabalhar para melhorá-la ao invés de simplesmente dispensá-la. A persistência nem sempre é uma habilidade nata do indivíduo, porém, pode ser desenvolvida ao se trabalhar para vencer desafios em um exercício contínuo que, muitas vezes, está conectado com a capacidade de resiliência.

Resiliência

Resiliência diz respeito ao resistente a um choque (FERREIRA, 1999); é a capacidade de se adaptar a situações adversas que se apresentam na vida. Agir com resiliência significa conseguir superar problemas, pressão, obstáculos, traumas, tragédias e outras fontes significativas de estresse mantendo o equilíbrio psicológico e emocional. Não é uma questão de mudar o fato ocorrido, mas sim de se posicionar frente a ele de tal forma que seja possível superá-lo. Adaptação é a palavra-chave.

A resiliência, assim como outras virtudes, não é algo que temos ou não temos de maneira absoluta. Todos temos muitas virtudes só que, às vezes, conseguimos aplicá-las melhor do que outras. Às vezes conseguimos ser mais resilientes, outras nem tanto.

Resistir não resolve. Só serve para continuar se machucando. O quanto antes passar para frente e encarar o novo capítulo da vida menos doloroso vai ser. E cada um tem seu ritmo no processo de superação. Não significa que, ao aprender ser resiliente, você está imune aos problemas. A dor emocional e a tristeza estão presentes da mesma forma. Mesmo as pessoas mais resilientes são cheias de cicatrizes dos tropeços da vida. Os

problemas estão lá da mesma forma como estão para todos. Não é uma questão de se escapar ileso. A diferença está na forma de encará-los e superá-los.

A resiliência está na capacidade que temos de lidar com mudanças e superar obstáculos sem deixar o estresse resultar em perda do controle. Significa encontrar soluções para lidar com o problema. Alguém é resiliente quando transcende a dor, encarando a dificuldade como passageira.

Como melhorar a resiliência:

- Desenvolva a capacidade de se adaptar a mudanças. Em vez de ficar criticando a situação, coloque a mente na nova realidade o mais rápido possível e faça o que tiver que fazer a partir daí.
- Procure ser flexível. Nem tudo tem que ser exatamente como imaginou.
- Exercite autocontrole. É importante manter a serenidade em momentos de estresse e pressão. Perder o controle só piora a situação.
- Encare a vida com positividade e otimismo. A vida é feita de ciclos. Aquele momento de estresse não veio para ficar. Amanhã ou depois você estará bem. É importante lembrar-se disso.
- Aprenda a utilizar as adversidades como uma fonte de força para se fortalecer. Quando algo acontece fora dos planos, foque nas lições que pode tirar disso para que, da próxima vez, saiba como agir. A adversidade pode ser uma oportunidade de crescimento.
- Aprenda a ser mais paciente. Geralmente as coisas não acontecem exatamente como você quer, na hora e do jeito que quer.
- Aceite quando algo mudar e siga em frente. Resistir exige esforço emocional e não muda um fato. Você deve construir o novo futuro considerando as coisas como são agora e não como eram antes.
- Evite enxergar a adversidade como um problema insuperável. Você não pode mudar o evento que ocorreu, mas pode mudar como interpreta e responde a esses eventos.
- Evite deixar que as suas emoções transformem o problema em algo maior do que ele realmente é.
- Tome consciência de que as dificuldades fazem parte da vida. É condicionando-se dessa forma que você poderá aprender a tolerá-las.
- Lembre-se dos motivos pelos quais você está lutando. Eles servem de motivação para vencer seus obstáculos.

Referências

- ANJOS, E. **Liderança no século XXI**. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2009. Monografia.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed., Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
- DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** 8ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DOMINGOS, R. **Terapia financeira: realize seus sonhos com educação financeira**. São Paulo: Editora DSOP, 2016.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**, 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, G. M. V.; ZALUSKI, F. C. **Cooperativismo e associativismo**. Santa Maria: Incubadora Social da UFSM, 2022.
- HOBBSAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- INSTITUTO ECOLÓGICA. **Associativismo e cooperativismo**. Cartilha 1. Série Desenvolver. Palmas: Gráfica Provisão, 2007.
- LOURENÇO, N. V.; TOMÁZ, A. F.; CASTRO, D. M. **Associativismo e Cooperativismo**. Rio de Janeiro: FAEL, 2022.
- MACIEL, M. E. M. Alimentação e Cultura, Identidade e Cidadania. O Brasil tem fome de que? *In: Fala Brasil*, 2004.
- MARAFON, G.J. Agricultura familiar, pluriatividade e turismo rural. **Revista de Geografia Agrária**. Uberlândia, V. 1, nº 1, p. 17-60, 2006.
- MENASCHE, R.; MARQUES, F.C.; ZANETTI, C. Autoconsumo e segurança alimentar: a agricultura familiar a partir dos saberes e práticas da alimentação. **Rev. Nutr.** vol. 21. Campinas July/Aug. 2008.
- PNUD. **Relatório global de desenvolvimento humano**. 2018. Disponível em: <https://www.br.undp.org>. Acesso em: 8 setembro 2021.
- OCB. Organização das Cooperativas do Brasil. **Relatório de Gestão**, 2008.

OLIVEIRA, N. R. F.; JAIME, P. C. Percepções de extensionistas rurais sobre educação alimentar e nutricional. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 18, n. 3, p. 41-54, jul./set. 2017.

ONU. **Declaração do Milênio da ONU**, 2000.

ONU. **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)**, 2021.

ONU. **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel>. Acesso em: 3 novembro 2022.

SEBRAE. **O que é empreendedorismo**. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br>. Acesso em: 8 setembro 2021.

SCHUMPETER, J. A. O fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico. *In.*: **A teoria do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1985.

SESCOOP. **Fundamentos do cooperativismo**. Giulianna Fardini (coord.), Brasília, DF: Sistema OCB - Série Cooperativismo, 2017.

PROBO. **Dicionário on-line de português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/probo>. Acesso em: 5 junho 2019.



www.epagri.sc.gov.br



www.youtube.com/epagritv



www.facebook.com/epagri



www.twitter.com/epagrioficial



www.instagram.com/epagri



linkedin.com/company/epagri



<http://publicacoes.epagri.sc.gov.br>